



Rio Grande, 14 de agosto 08de 2018

Querid@s Cirandeir@s, aproxima-se nosso primeiro encontro presencial!

Estou longe de Rio Grande, mas hoje falei com a Aline, com a Renata, com a Diana, com o Cezar e nosso encontro presencial em diferentes lugares se aproxima. Agradeço a cada um que resolveu se inscrever e ampliar nossa roda. No lindo EIE deste ano foi isso que foi combinado, então vamos em frente no nosso modo de formarmo-nos pela nossa experiência. A rede se amplia em pensar a formação a partir do lugar.

Neste nosso primeiro encontro faremos várias rodadas de conversa. A primeira nos apresentando. A seguir uma síntese do que é o Cirandar para os novos. e dando uma primeira ideia do que iremos relatar e estudar. Num segunda rodada de conversa, iremos apresentar nossos temas de estudo e salas de aula que estarão sendo foco de análise. Por isso é preciso prestar atenção no caderno de registro. Ah sim, já tragam o caderno de registro com o registro da ideia que vai resultar no relato e a apresentação, combinado? Vou logo a seguir apresentar nosso tema. Vejam estou falando no plural. Sabem por quê? Porque quando o Cirandar começou havia por conta do Seminário Integrado - SI um conjunto de escritas com mais de um autor e com o final do SI as escritas se individualizaram. Então, acreditando na parceria, Aline e eu resolvemos escrever juntas. Ficamos inicialmente na dúvida sobre qual seria nosso tema. Muitos poderiam ser, um deles a autoformação, pois acreditamos que é isso que fazemos no Cirandar. Mas a nossa autoformação é coletiva, e isso o conceito suporta? Bom, essa era a ideia, mas daí hoje mudamos de ideia e acordamos à distância sobre este nosso tema: a experiência. Mas isso tem a ver com a primeira carta pois lá está que eu queria estudar dois autores, lembram? Eu escrevi e já tinha esquecido: *"Neste ano quero estudar dois autores que escrevem em defesa da escola pública."* E escrevem considerando a escola como lugar de experiência, como falei na carta: *"propõem uma escola em que se cuide da experiência, que seja experiência."* Então Aline e eu iremos relatar uma experiência de sala de aula, talvez cada uma a sua, mas estudaremos juntas e aprofundaremos o sentido de experiência. Ainda não combinamos qual experiência relatar, mas eu tenho uma situação instigante que me aconteceu preparando as aulas do curso de Ciências EaD. Dou aula em uma interdisciplina em que se discutem políticas públicas, questões étnico-raciais, diversidade e docência. A proposição de uma das professoras para discutir as questões étnico-raciais foi de fazer um exercício de lembrança sobre como apareceram os negros na historia de cada um. E fui derrubada por minhas lembranças. Sou da região da serra rio-grandense, dominada pelos italianos imigrantes.

E onde lembro de ouvir falar sobre os negros? Onde moravam? Não nas áreas centrais, de propriedade dos brancos. Moravam nos arredores do cemitério. Lembro de meu pai cuidar da aposentadoria de alguns, quando conseguia. De um deles que batia à nossa porta pedindo comida e que era a ele computada a culpa pelos salames que sumiam à noite do porão. Por falta de atendimento médico vi um deles com a filha morta nos braços quando eu voltava da escola de brancos. Havia uma aluna negra. Dela tínhamos medo. Ninguém se aproximava. Ela batia na gente e tínhamos até medo de passar por perto de onde ela morava. Também ouvia minha mãe falar de histórias das empregadas negras de minha avó que tinha um restaurante: gostava das de canela fina! No ensino médio, lembro vagamente de um colega, magro alto, sorridente! Professor? O de Educação Física: magro, alto, furioso com minha falta de esportividade à época. Na graduação? Nenhum negro! Mestrado? Doutorado? Nenhum negro!!! Na sala de aula da licenciatura lembro de poucos: Rosá, Eunice, Grazielle, Fábio, Gisele, Rodrigo, Eduardo, Cíntia. Como professores da FURG? Poucos, muito poucos: Vilmar e Cassiane. E o que isso quer tudo dizer? O quanto naturalizamos o racismo no Brasil. Vejam as histórias que eu ouvia quando criança. E lembrei de outra. Eram boa gente os negros, dizia meu pai, mas eram preguiçosos. E quando a um deles se referia chamava: - Negão! A quantas missas devo ter ido sem ver nenhum negro. Por isso quero junto com a Aline relatar essa minha experiência na aula de Ciências EaD. Se a Aline topa fazer um exercício narrativo, acho que vai ser interessante pensar sobre como, brancas que somos, encontramos em nossas histórias os negros e que discursos naturalizamos sobre eles sem questionar as razões de termos tão poucos negros na universidade. Só de lembrar me arrepio de pensar na naturalização do racismo. A meu ver enfrentar esta naturalização perversa é dever de todo professor, por isso resolvi relatar as minhas lembranças sobre a presença dos negros na minha vida.

Então esta será a experiência minha, a da Aline poderá ser outra, mas também uma experiência e por isso estudaremos o que é experiência a partir de teóricos que temos e outros que certamente encontraremos em nossas conversas.

No meio da manhã faremos um breve intervalo para uma conversa ainda mais animada. Mesmo em tempos de retrocesso nos mantenhemos animados. As eleições estão aí e é pelo voto que podemos buscar a mudança do momento triste que estamos vivendo. Fora BNCC, fora Escola sem Partido. Esses muito mal fizeram à educação! Ser professor é ser político em nossas ações! Vamos em frente com a escrita. A tod@s um abraço. Maria do Carmo.